

# Illustração

## PORTUGUEZA

DIRECCOR:  
CARLOS MALHEIRO DIAS  
DIRECCOR ASSISTENTE:  
FRANCISCO TEIXEIRA

PROPRIEDADE DE  
J. J. DA SILVA GONÇALVES

Redacção, Adminis-  
tração e Officinas de  
Composição e Im-  
pressão

Rua Formosa, 42—LISBOA



UM CHAPÉU DA ÚLTIMA MODA  
(Cliché de VELEX)



Meio século de successo  
**ESTOMAGO**  
 O Elixir do Dr Mialhe  
 de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente,  
**GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.**  
 A'oenda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil  
 Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris

**Madame**

O passado, presente e futuro revelado  
 pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

**Brouillard**

**D**IZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromanctas, chronologia e phisiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenigneu, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e he-spanhol.

*Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete.*

**43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA**  
 Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.



Assignatura da "Illustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno ..... 4800 réis  
 • semestre ..... 2400 •  
 • trimestre ..... 1800 •

Assignatura conjunta do «Sculo», «Supplemento Humoristico do Sculo» e da «Illustração Portuguesa»

Portugal, colonias e Hespanha

Por anno ..... 8800 réis  
 • semestre ..... 4800 •  
 • trimestre ..... 2800 •  
 mez (em Lisboa ..... 700)

**J. CASTELLO BRANCO**

**Bicycletas**



Marca inglesa, as mais solidas e elegantes desde 22\$00 réis. Bicycletas Simplex, Humber, B. S. A. ultimos modelos. Bicycletas inglesas Radford, modelo especialmente feito para a

nossa casa, muito solida, propria para aluguel, com quadro reforçado, aros nickelados, roda livre, guarda-lamas e 2 travões, preço 32\$000 réis. Enorme sortimento de accessorios, taes como: protectores Continental, Dunlop, Coventry; camaras d'ar, businas, lanternas, rodas livres, etc., tudo a preços baratissimos. Grande deposito das melhores machinas falantes e discos Simplex dos quaes acabamos de receber lindissimas colleções. CASA SIMPLEX. Bicycletas, discos e machinas falantes.

Rua do Soccorro, 48  
 Rua de Santo Antão, 32 e 34

**LISBOA**

AGENCIA DE VIAGENS



R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

**ERNST GEORGE**  
**SUCCESSORES**

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

**Viagens ao Egypto e no Nilo**  
**Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte**

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.  
 Cheques para hotels.

**VIAGENS BARATISSIMAS Á TERRA SANTA**

# AS BATERIAS DE QUELUZ



1—A revista á guarda de honra, que se pratica communmente no estrangeiro, mas que entre nós não se tem feito. 2—El-Rei beijando as crianças de Queluz que lhe offerceram um ramo de flores.  
(Cliché de MR. CHUSSEAU FLAVIEN)



1—A desfilada das baterias: Na melhor ordem as carretas atravessam o local dos exercicios

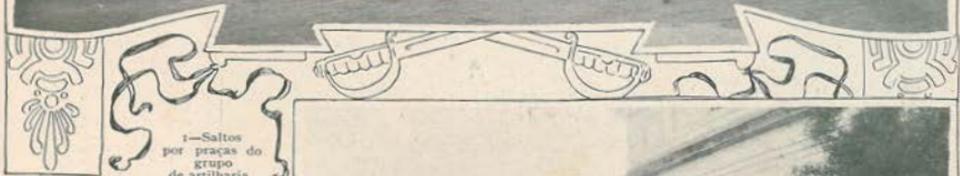
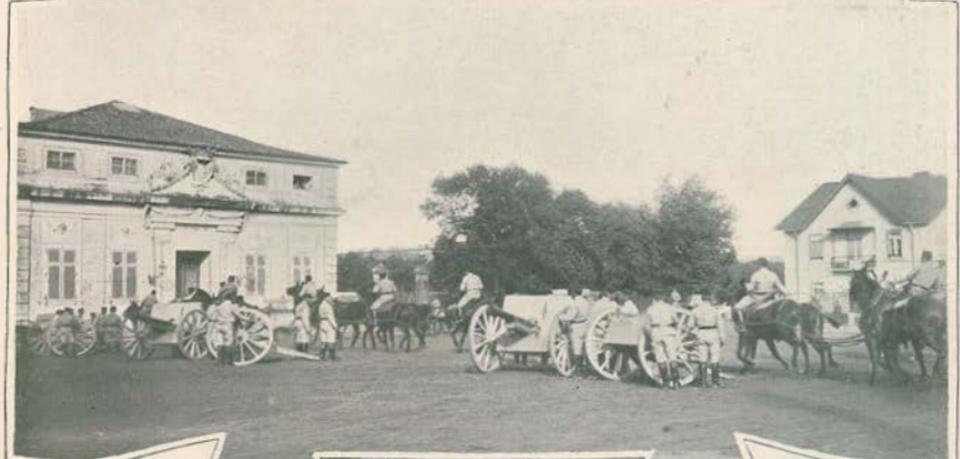
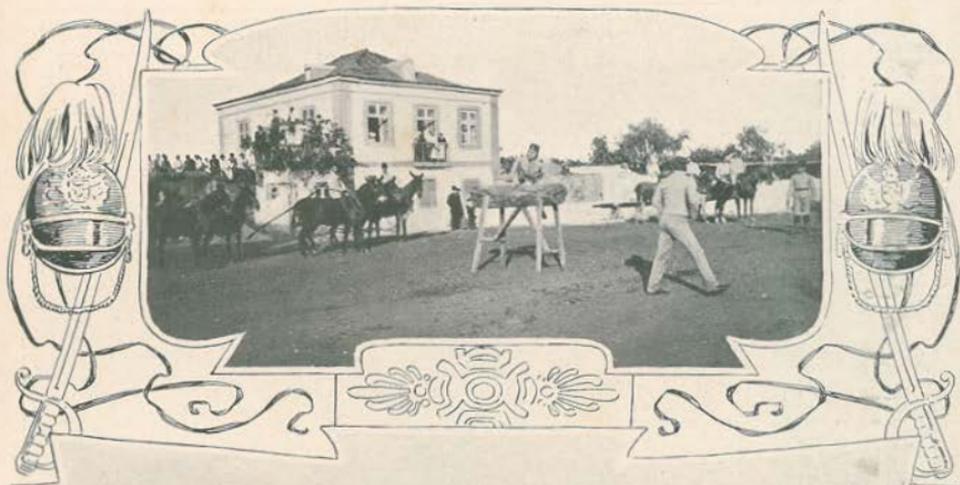
No dia 9 do corrente Sua Magestade El-Rei visitou as baterias de artilharia a cavallo de Queluz assistindo a va-



2—Saltos de valla pelas paredes das viaturas

rios exercicios que se realisaram no largo fronteiro ao quartel. As baterias fizeram varias evoluções, exercicios de tiro, manobras de peças, acabando





1—Saltos  
por praças do  
grupo  
de artilharia

2—No largo de Queluz: Evolução  
de artilharia

3—A artilharia vence os maiores  
obstáculos: Uma viatura  
saltando uma valla  
(Clíchés de BENOILKEL)

por volteio das mueres no picadeiro. Sob todos os pontos de vista foram muito interessantes esses trabalhos militares, que demonstraram a organização d'essa bateria a cavallo e que muito agradaram ao chefe de Estado.



# A PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS



1— Sua Magestade El-Rei D. Manuel e o sr. Anselmo Braamcamp Freire, vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa, segurando nas primeiras varas do palio conforme o tradicional uso na procissão em que essa honra cabe ao soberano e ao presidente do municipio

2— A procissão dando a volta no largo da Magdalena, onde não passou no anno anterior. Antiguamente a procissão do de Corpus Christi fazia um maior percurso, dando a volta no largo dos Torneiros, onde, do predio de esquina dos Fanqueiros para S. Nicolau, Domingos Leite pretendia assassinar D. João IV

(Clichés de BENOULEL)

# A GRANDE FESTA DO THEATRO DE D. MARIA

SARAU-CONCERTO PROMOVIDO POR UMA COMISSÃO DE ARTISTAS E CRITICOS DE ARTE EM BENEFICIO DA SUBSCRIPÇÃO PROMOVIDA PELO «SEculo» DESTINADA À CONSTRUÇÃO DAS ESCOLAS DE SALVATERRA E SAMORA, REALIZADO NA NOITE DE 16 DE JUNHO

A *Schola Cantorum*, a grande associação coral de Lisboa, dirigida pelo illustre maestro Alberto Sarti (ao centro do segundo plano da photographia).—No medalhão os dois notaveis pianistas: Vianna da Motta e Rey Colaço. (Clichés da phot. Vasques, expressamente tirados para a *Illustração Portugueza*.)



# UMA FIGURA ORIGINAL

## O VISCONDE DE RIO SADO

O visconde de Rio Sado, que falleceu em 7 de junho, era uma figura singular e de grande destaque na magistratura portugueza. O illustre juiz não guardava exterioridades, mas seguia no fôro intenso da sua consciencia a mais estricta justiça. Era verdadeiramente

querido pelo povo, que o saudava nas ruas, e sendo bastante esmolter toda a gente o apreciava.

O visconde tinha ditos de espirito realmente encantadores, apropriados ás circumstancias e contam-se d'elle anecdotas que bem demonstram a fina intelligencia de que era dotado.

Uma vez um amigo mandára-lhe uns soberbos melões que o visconde do Rio Sado conservou no seu gabinete da Boa Hora durante algum tempo e como o interrogassem ácerca da sua provenienciã respondeu:

—Ora, d'onde vieram?! Criei-os aqui... Ha tanta immundice na Boa Hora que até nascem melões...

Um gatuno, que não passára ainda pelo tribunal onde elle julgava amensando, a severidade dos julgamentos com os seus ditos, roubou-lhe um alfinete de gravata, uma joia antiga, que muito estimava. Os jornaes deram a noticia e o gatuno, ouvindo fallar da bondade do visconde, foi procural-o e entregou-lhe a joia, pedindo-lhe segredo.

—Vá em paz, homem, que eu não digo nada ao juiz... — exclamou o magistrado gratificando-o.

D'este modo creou uma grande reputação merecida de homem espirituoso e chegou a ser querido por todos que se lhe dirigiam. Na Boa Hora, condemnando os culpados, sabia distinguir os infelizes e então prescindia dos seus emolumentos a fim de alliviar a severidade dos castigos que a lei lhe obrigava a impôr.

Jámais se lhe fez uma accusação; a imprensa tratava-o carinhosamente e elle tinha tanta gratidão pelos jornalistas que no seu testamento não os esqueceu, deixando dois contos de réis para as associações soccorrerem os jornalistas pobres ou impossibilitados.

Possuindo uma grande fortuna, perto de quatrocentos con-



O ultimo retrato do sr. visconde de Rio Sado  
(Cliché da phot. FERNANDES)



Na casa do Estoril. O sr. visconde de Rio Sado tendo a seu lado a governante sr.<sup>a</sup> Thereza de Jesus Neves, que herdou dose contos de réis'

tos, fez uma distribuição d'ella, pelas suas ultimas vontades, em que não esqueceu aquelles que o tinham dedicadamente servido. A sua governante, os seus creados, as pessoas da sua intimidade e seus sobrinhos, que muito estimava, os sr.<sup>s</sup> Carlos e Manuel Guerra—filhos do distincto amator photographico sr. Julio Guerra—foram os herdeiros dos avultados bens. A' sua governan-



te, Thereza de Jesus Neves, legou doze contos de réis, pedindo-lhe que continuasse a estimar os seus dois cães predilectos. Deixou também varias quantias a alguns estabelecimentos de caridade, demonstrando assim toda a bondade da sua grande alma.

O visconde não esqueceu também os presos, os que estão nas cadeias, mettidos nas enxovias, quiz deixalhes com que melhorar o seu rancho no dia do seu funeral, mandando que se distribuisse também 500 réis a cada um dos 549 reclusos da cadeia do Limoeiro. Taes foram as ultimas vontades d'essa singular figura que Lisboa conheceu e apreciou, do visconde de Rio Sado, o mais popular dos juizes.

Ainda que-remos contar, porém, outra anecdota mui-  
to interessante do visconde de Rio Sado.

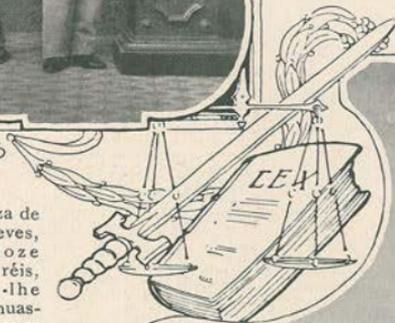
Não se tendo podido provar o roubo d'um relógio praticado por certo gatuno, o visconde absolveu-o, mas chamou-o de seguida ao seu gabinete e disse-lhe gravemente: «Sei que roubaste; não houve provas e por isso te mandei em paz. Vaes, porém, explicar-me como conseguiste fazer esse roubo tão limpamente.»

O homem sorriu e voltou:

—Foi assim, sr. visconde!

E mostrou na palma da sua mão o proprio relógio do magistrado, que já lhe tinha tirado da algibeira.

D'esta vez o visconde de Rio Sado não gratificou o roubador, mas conservou sempre a sua lembrança, recordando varias vezes, em conversa, a subtiliza com que elle fizera o roubo.



1—O sr. visconde de Rio Sado na mocidade  
(PHOTOGRAPHIA AMERICANA)

2—A espera d'um amigo: O sr. visconde de Rio Sado com o seu amigo sr. Vieira da Silva, antigo conselheiro geral do Brazil em Lisboa  
(Cliché do distinto amador JULIO GUERRA)

A FESTA DE M.<sup>ME</sup> ADAM

NA ABBAYE DE GIF.



A FESTA  
DE CARIDADE PRO-  
MOVIDA POR  
M.<sup>ME</sup> ADAM, NA  
ABBAYE  
DE GIF EM BENE-  
FICIO DOS  
SOBREVIVENTES  
DO RIQUETEJO  
E QUE RENDU  
TRES CONTOS  
DE REIS

- 1— As ruínas historicas da Abbaye de Gif
- 2— M.<sup>ME</sup> Adam recebendo, á sua chegada, M.<sup>ME</sup> Bensaude e os viscondes de Faria
- 3— Na Abbaye: Da esquerda para a direita, Xavier de Carvalho, M.<sup>ME</sup> Daniel Lesseur, M.<sup>ME</sup> Maurice Leblanc, M.<sup>ME</sup> Adam, M.<sup>ME</sup> Suggia e o escriptor Henri Lapange
- 4— Da esquerda para a direita: Mr. de Rivadeneyra y Gama, o abbade Rousseau, o marquez de Ornanó e os jovens duques de Luynes

# AS MULHERES DOS FJORDS

As mulheres dos fjords são formosas, d'uma belleza fria, d'essa frieza das louras esbeltas e lindas que ellas são. A sua carnção branca e rosca, que parece reflectir as geleiras e os tons das maravilhosas auroras, tem como uma riqueza de marmore de Paros, e os seus corpos, d'um modelado puro, destacam com uma serena audacia no meio de toda essa vida bulçosa e arriscada dos marinheiros seus irmãos e seus maridos. No fundo de toda essa serenidade existe, porém, a eterna nervosidade feminina, aquella nota que é do sexo, tanto das louras como das morenas, e que dá a incomprehensibilidade das creaturas mesmo n'esses fjords, á beira dos quaes, Ibsen, o nebuloso, fez viver a sua symbolica *Dama do Mar*, a sereia d'essas paragens, sempre saudosa do prateado das ondas, das manchas vivas e louras do sol do mar alto. A Hedda Gabler, extranha e ca-



prichosa, perfida e esbelta, com os gostos d'uma morgadilha impetuosa da nossa raça, accrescentados ao fundo perverso d'um singular temperamento era, como a Nora voluntariosa e brava da *Casa da Boneca*, uma descendente d'essas lindas

mulheres d'apparencia fria que parecem occultar sob o seu olhar azul todo o impeto das mais violentas paixões. Ellas, com o seu sorriso doce, com os seus dentes brancos e esmaltados de carnivoras, perpureadas ao menor galanteio, com a sua serenidade de porte, occultam no seio vulçoes que, derretendo todo o gelo de que a sua carne parece ser formada na apparencia, as lançam nas cousas romanescas, nas aventuras onde fremitam tão rapidamente como o sol surge na sua terra de geleiras.

Vivendo nas suas paizagens brancas, na orla d'esses fundos fjords que rompem por terra adentro, guardadas pelos altos mon-



1—Um rosto fresco e um costume gracioso—(Cliché de SOLVREIG LUND)  
2—O Laatefos, no valle de Oida, situado na extremidade sul do Sörfjord e terminus da grande estrada que parte do Telemarken e do Stavangerfjord



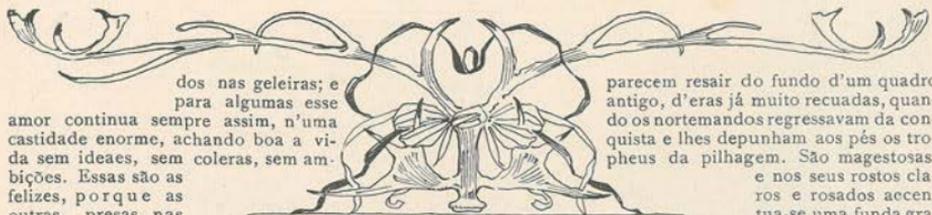
tes de granito, eguaes a gigantes vigiando a prata liquifeita das aguas, as mulheres de rostos alvos, defendendo-se ja monotonia em que se mostrariam vestidas d'um só tom, enchem-se d'ouro e de bordados pesados, pousando sobre as suas cabelleiras d'ondas lou-ras os chapéus enfeitados tam-bem a galões dourados, a vi-dros reluzentes, a bilros formo-sos, que lhes dão um ar de di-vididades pagãs acordadas n'al-gum templo da velha lenda scandinava para surgirem na vida de todos os dias com os seus sorrisos esphyngicos e com os seus passos miudos calcan-do os relvedos altos e os cora-ções fortes dos ho-mens do norte.



Os seus amores decorrem graves e são tão calmos ao começo que mal se pôde imaginar o que existe de aven-turoso no fundo d'aquellas almas singulares. Aos do-mingos, nos bailes pitto-rescos da região, as ran-chadas alegres das raparigas, com os seus trajos recamados d'ouro e com os seus adereços luzentes, volteiam ao som dos instrumentos pelos braços dos mocetões robustos, n'aquellas grandes sombras do Hardan-gerfjord, o mais bello d'esses golfos de prata. Ellas deixam-nos falar de noivados honestos, d'uma vida futura bebendo o leite das cabras, como n'um idyllio primitivo, aquecendo-se nas pelles formosas dos animaes caça-



1—Trajo de noiva de Hardanger—(Cliché de AUGUSTA SOLBERG)  
2—No regresso da escola—(Cliché do SR. DR. ARTHUR FURTADO)



dos nas geleiras; e para algumas esse amor continua sempre assim, n'uma castidade enorme, achando boa a vida sem ideaes, sem coleras, sem ambições. Essas são as felizes, porque as outras, presas nas azas das aventuras, levadas pelos sonhos da sua imaginação, tão portentosa como a das mulheres do sul, tornam-se mais singulares do que ellas, e geram as tragedias mais estranhas á beira d'esses fjords formosos côr da prata, na soada rija das cascatas, torrentes espumantes cantando entre as arestas dos penedros.

As mulheres dos fjords são aldeãs á primeira vista com o seu sorriso dôce e com o seu calmo olhar, com os seus seios castos e os grandes aventaes de neve nos dias de trabalho com os seus sócos enormes e as suas saias curtas a deixar vêr as meias berrantes de lã grossa que ellas mesmas fazem emquanto guardam as suas aves pelas ribas. Quando apparecem, porém, nos seus trajes de gala, com todo esse ouro em cima, mal se podendo mover ao peso de tantos galões, de tantos bilros, de tantos vidros coloridos, não teem já aquella fórma campesina que a nossa mulher minhota e a provençal procura guardar mesmo na

parecem resair do fundo d'um quadro antigo, d'eras já muito recuadas, quando os nortemandos regressavam da conquista e lhes depunham aos pés os trophes da pilhagem. São magestosas, e nos seus rostos claros e rosados accentua-se uma funda gravidade, como se as conchas côr de perola dos seus brincoes lhes estivessem segredando todos os mysterios do mar, o que dizem as cavernas fundas onde o sol não vae e as lendas das damas encantadas, por muito terem amado, no recesso das lapas estranhas. Teem uma rara gravidade e se cantam nas festas, ha na suas vozes uma accentuação de religiosidade; não entoam as modas alegres, mas sim os cantos severos em que ha a melodia sacra d'um rito. Se bailam sob o peso do seu ouro parecem astros soberbos gravitando graves e opulentos. Sorrindo, mostram os dentes esmaltados, teem uma luz viva nos seus olhos azues, côr d'aço temperado, e parecem mais maguar do que acalentar, dando-nos a impressão de que são realmente soberbas esphynges vindas da poesia d'uns seculos para a vida normal da Noruega romantica.

E bem romantica é essa terra onde a imaginação do povo fórma as lendas mais curiosas, com um grande fundo pittoresco de bailados amorosos



Uma rapariga de Telemarken  
(Cliché do SR. DR. ARTHUR FURTADO)



garridice das suas vestes. Assim vestidas, as mulheres dos fjords teem uma magestade d'idolos do tempo do rei Olaf,

e que é a base da velha litteratura scandinava e mesmo d'algumas das novellas do Ibsen renovador.





Doas formosas e juvenis raparigas norueguesas

(Clicks de SOLVIG LUND)

Todos sabem que a mythologia scandinava é uma das mais opulentas. O paiz dos *fjords* é, além de tudo o mais, uma riquissima messe de lendas, e muitas d'essas lendas são, como pôde prevêr-se, lindas historias de amor, mas que offercem um caracter e sabor particulares adaptados ao genio e ao espirito do povo que as repete. N'aquella região de sonho, sob a pallida luz polar, que tão bem se casa ao silencio magestoso dos *fjords*, o

homem experimenta mais intensamente o aneio de sonhar, parecendo-lhe a realidade menos palpavel, a vida menos positiva. Por isso, a alma scandinava é nativamente sentimental, e a propria severa rigidez da sciencia se amacia. ali, ao contacto da divina poesia. Um dos mais notaveis naturalistas da Noruega foi tambem

um dos seus mais illustres poetas: arrancando um dia do fundo do mar uma magnifica estrella do mar, de admiravel coloração e suprema elegancia, deu-lhe o nome de *Bri-singa*, a joia mystica de Freya, a deusa do amor, que Loky conserva captiva nos abysmos oceanicos.

Tal é o poder criador de muitos, da imaginação das gentes do norte, que não ha, pôde dizer-se, um mesquinho accidente da natureza physica d'essa linda

terra norueguesa, que não tenha constituido o thema de alguma graciosa tradição, impregnada de graça poetica, de um commovedor encanto de afabulamento. O ilhote de Thorgatten, por exemplo, apresenta uma forma exquisita, que faz lembrar, quando se avista de bordo, um chapéu gigantesco emergindo da superficie das ondas. A rocha é furada, porém, de um lado a ou-



Na rua principal de Tronsô: uma velha norueguesa

(Clickê do SR. DR. ARTHUR FURTADO)



tro por um largo buraco, uma especie de caverna. Eis a lenda que a imaginação popular forjou promptamente:

Um dia, ha muitos annos, como os senhores calculam, succedeu que um gigante, descuidado, pela sua bondade, deixou roubar por um outro a mulher que amava. Calcule-se o seu desespero quando deuepelo rapto e o seu ardente desejo de vingança. Costuma dizer-se exactamente que a vingança é o prazer dos deuses, quando, afinal, melhor seria dizer que nos deuses o prazer da vingança é, pelo contrario, uma das qualidades que os approximam e irmanam com os homens. Contudo, na mythologia nordica, os gigantes não vivem muito distantes dos deuses. Ora no tempo em que este caso succedeu,—ha muitos annos, como já dissémos,—tinham sido inventadas na occasião as botas de sete leguas. Não eram ainda muito vulgares, comprehendese-se, mas estavam, é



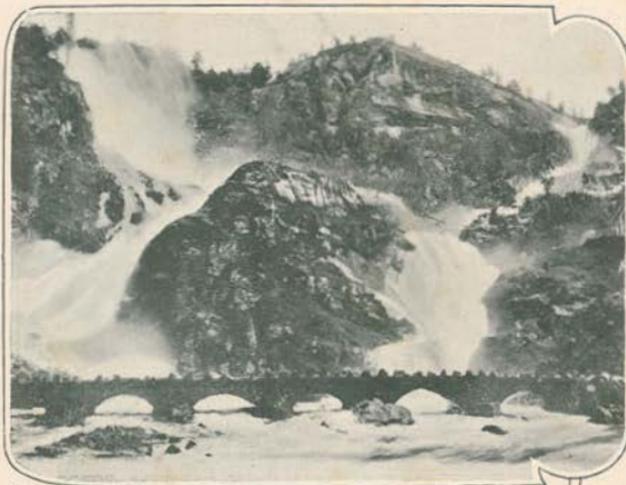
1—No Særfjord: um começo de idyllio  
2—Trajo de noiva do Hardanger  
(Cliché de WOLFRIG LUND)

claro, facilmente ao alcance dos gigantes. Calçar um par, novo em folha, de modelo mais aperfeiçoado, foi, pois, obra de um momento, e o roubo do partia por ali fóra, lèsto e rapido como o vento. Mas, infelizmente, o outro conduziria a sua presa para o cimo do Thorgatten, e as botas magicas, preciosas para caminhar pelas estradas fóra, pelas boas estradas amplas e direitas, como as que exigem modernamente os automoveis, tornavam-se incommodas para uma ascensão, que reclamaria, de preferencia, o auxilio de um alpenstock encantado.

Por isso, chegado em frente do rude ilhote, o pobre gigante ficou desolado, e a sua furia não conheceu limites quando viu o rival, lá de cima, a provocal-o, rindo da sua impotencia. Desesperado, armou, então, o seu arco. Perturbava-o, porém, a colera, fazia-lhe tremer o braço, e a frecha por elle expedida, quasi ás cegas, em vez de attingir o alvo, perforou o monte em toda a espessura da rocha de um a outro lado.

São estas delicadas lendas poeticas, que desde a meninice afeioam ao amor, habilitam ao sonho, as raparigas da Noruega.

Emquanto pequeninas, nas escolas, essas futuras mulheres dos fjords—não tem reservas e são como aves leves, sujeitas a todas as sensações, buliçosas e traquinas. Outra ora sahiam ao cahir da tarde das aulas e fugiam a colher essas flores sem côr e sem perfume das suas estranhas terras, flores que viviam um minuto nas suas mãosinhas claras. Os professores sabiam d'essas traquinices, das retardadas entradas nos lares e então, por um ardil curioso, obrigaram-nas á disciplina, que ellas, na sua apparencia fria, odeiam



A admirável cascata de Laatefos

extraordinariamente. A' saída da aula formam em ranchadas; á frente vae a que mora mais longe, levando a bandeira que todas as escolas da Noruega possuem, e, pouco a pouco, á medida que vão passando deante das suas casas, deixam o bando, entrando assim na ordem, á sombra do estandarte, aquellas futuras mulhersinhas voluntariosas d'olhos azues como as aguas dos fjords em cuja beira vivem, se desenvolvem e crescem, sempre saudosas das amplidões das aguas mais distantes, no fundo todas ondinas, todas *Damas do Mar* cheias de sonho e como se tivessem na alma o espirito das se-reias. E' vêr como os seus olhares se prendem nas grandes aves que passam gritando nos ares ou vão boiar com as suas cabeças estranhas sobre as ondas, recordando as barcas antigas, as triremes de cem remos onde os piratas iam á conquista e á fundação d'essa Normandia, filha do norte, com a sua cidra e as suas formosas mulheres que lembram ainda em semelhanças vagas essas lindas mulheres dos fjords suas antepassadas do tempo barbaro das rapinas.

São as mulheres e as irmãs dos marinheiros d'aquelles que vão para as viagens longas por esses mares, vestidos nos seus oleados reluzentes, calçados nas suas grandes botas, que recordam as do gigante de Thargatten, do amoroso cheio de ciúmes cujo arco magico furou d'um lado ao outro o escaldado e legendario rochedo, são as noivas d'esses aventureiros homens que vão caçar a renna e partem para as terras do pólo para voltarem a casar e a partirem de novo, augmentando sempre

as singulares lendas da sua terra com os mysterios das cousas que por lá viram. E ellas habituam-se áquellas viagens, áquellas delongas, ás historias que ouvem e ficam sempre com o seu arsinho de esphynges olhando o mar azul e como saudosas de boiarem sobre as suas ondas eguaes as nayades, cheias da mesma unção mythologica que tem vindo através dos seculos vivendo nas suas cabecinhas cobertas pelos mais famosos cabellos loiros de toda a terra e que o *sol da meia noite* banha, dando-lhes reflexos de encantamento como a tornal-os d'oiro e por isso mais preciosas para as caricias ternas dos seus amorosos.

Talvez que um dia ellas deixem os seus trajos, os troquem pelos arrebuques banaes da moda das nossas regiões, mas certamente que nas suas cabeças lindas jamais deixarã d'existir a ansiedade do mysterio d'essas aguas de que Ibsen tornava saudosa a sua *Dama do Mar*.

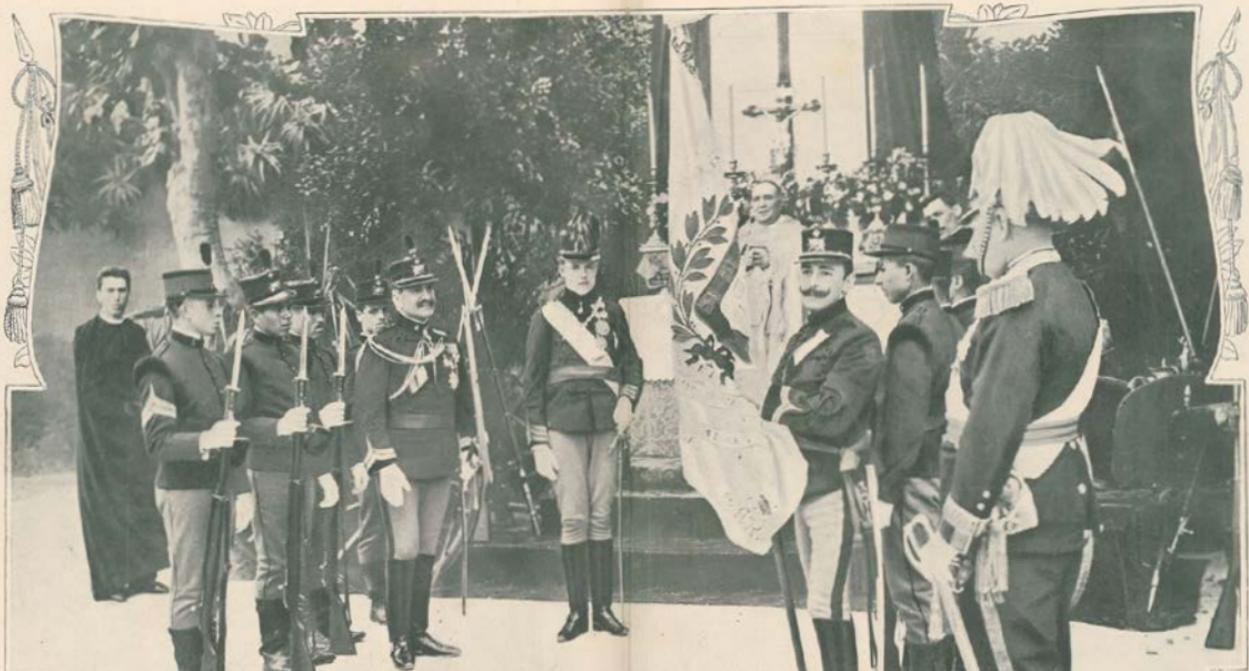


Tres norueguesitas que crescem para apparecer  
(Clichê do DR. ARTHUR FURTADO)

NO CASTELLO DE S. JORJE  
A FESTA DE CAÇADORES 5.



El-Rei collocando ao peito do 2.º sargento Fernando Augusto da Conceição, um dos heróes da campanha do Cuamato, a medalha de prata do valor militar



A BENÇÃO DA NOVA BANDEIRA





- 1—S. M. El-Rei conversando com o sr. ministro da guerra na esplanada do Castello, e incumbindo-o de felicitar o commandante e os officiaes do regimento
- 2—Na missa campal: a elevação do calix
- 3—A ratificação do juramento pelos officiaes, depois de lida a formula pelo commandante do corpo

(Clichés de M. CHESSEAU FLAVIEN e BESOLIEU)



O pianista português Raymundo de Macedo estudou no Conservatorio de Leipzig, depois de ter sido durante alguns annos empregado do Banco de Portugal e de ter abandonado o seu lugar n'uma anciedade artistica de se educar e seguir a carreira para que o chamava a sua vocação. Na Allemanha festejaram-no, Luthardt—o grande pianista—guia-o nas suas excursões de arte e auctoris-o a apresentar-se diante do publico intelligente de Leipzig, Weimar, Essen, Enfeu e Francfort. Sempre levado pelo



mesmo desejo de conseguir a glorificação e amando a sua carreira com uma intensa paixão, foi a Buenos-Ayres, onde o applaudiram; fez uma *tournée* brilhante por outras partes da America do Sul e regressou á Allemanha onde o seu nome se tornára conhecido e apreciado. O distincto pianista português vae agora a Brazil, onde será admirado e onde o seu trabalho receberá o applauso que bem merece e que o grande povo nunca regateia aos bellos artistas que, como Raymundo de Macedo, honram o nosso paiz.



1—Raymundo de Macedo (*Cliché de PEPERHOFF, DE LEIPZIG*)  
2—O pianista na sua sala de estudo—(*Cliché de CARLOS FERREIRA CARDOSO*)

# VIDA COLONIAL



1—O desembarque do bispo de Cabo Verde D. Antonio Moutinho, actual bispo de Portalegre, na ilha de S. Thiago, para ir assistir á inauguração do Instituto D. Manuel II, estabelecimento de educação physica, litteraria e profissional creado por sua iniciativa na villa de D. Maria II, sede do concelho de Santa Catharina da mesma ilha

2—O arco da rua Serpa Pinto e alguns dos cavalleiros que tomaram parte nas cavalladas

3—O bispo com o administrador do concelho, e o presidente, parcho, thesoureiro, irmda, superiora e professoras, e um grupo de crianças do Instituto D. Maria II

(Clichés de SELLÓ)



# ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA



Em Portugal, onde poucos estudam e raros sabem, poucas vezes se fala da archeologia, por tantos motivos necessaria e interessante para a comprehensão das epochas que nos precederam. Estuda-se a historia por uns compendios breves, que marcam epochas, citam nomes, referem factos. Entra-se na escola e o professor, grave, sabio, refere por exemplo a idade da pedra:

—Meus meninos: a idade da pedra diz-se aquella em que não eram ainda descobertos o bronze e o ferro. Os instrumentos cortantes eram de pedra: o machado, a faca, o martello...

O menino não ficou com uma ideia do tamanho, da fórma, da perfeição, porque o professor não lhe apresentou um modelo, uma estampa,



1.—Capella de Santa Martha na serrá do mesmo nome  
2.—A gruta da Gallinha antes de explorada

um desenho, nem o levou a um museu onde pudesse vêr aquelles objectos encontrados em escavações nos diferentes pontos do paiz.

E' principalmente na archeologia que se tem encontrado os maiores elementos para o estudo das idades prehistoricas. Ha bem pouco tempo um engenheiro americano, archeologo distinctissimo, Edgard Baulles, depois de innumeradas difficuldades, em escavações successivas, conseguiu descobrir a cidade de Bismya, que se crê ser a mais antiga do mundo e que, segundo muitos dos dados encontrados, é anterior ao anno 4750 antes de Christo.

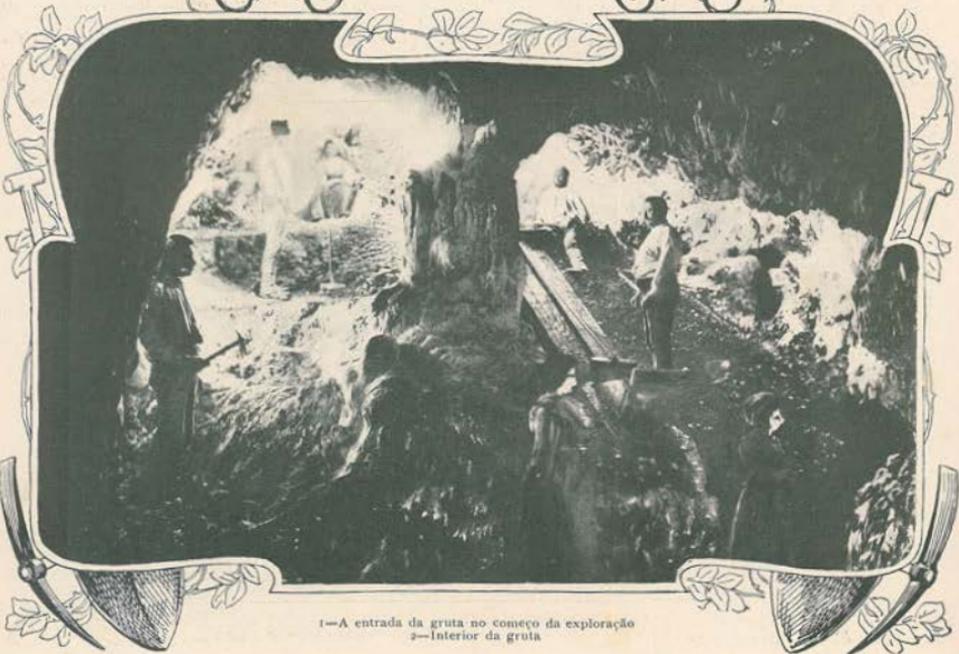
No estrangeiro dedica-se á archeologia uma attenção especialissima, gastando

com ella os governos importantes verbas annuaes. As epochas antigas, os seus costumes, as suas construcções,

são-lhe um estudo caro.

Qualquer estrangeiro que venha a Portugal procura sempre vêr os Jeronymos e a Batalha, tomando todos os apontamentos possiveis. No anno passado vimos n'uma grande illustração estrangeira uma perfeita photographia da capella mór da igreja de Alcobaca, que em Portugal quasi se desconhece.

Para a sua archeologia o governo portuguez dispense uma quantia insignificantisima, tendo só um museu, com o pomposo titulo de *Museu Ethnologico Portuguez*, que está installado n'uma das alas do mosteiro dos Jeronymos, e que é dirigido pelos srs. J. Leite de Vasconcellos e Felix Pereira. E' n'elle que estão os productos das explorações feitas pelo



1—A entrada da gruta no começo da exploração  
2—Interior da gruta

governo, catalogadas, bem dispostas

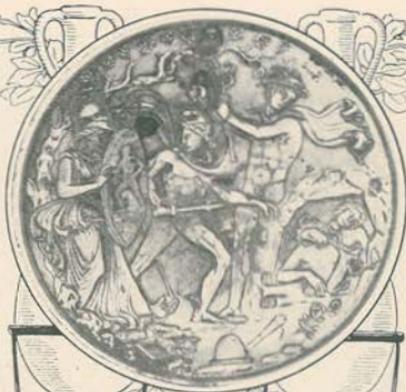
apezar da sua enorme diversidade, porque com crâneos estão patras, armas, martellos, machados, enxós, facas de sílex, aras, bustos, vasos, pedras, terras. Este museu é visitado quasi exclusivamente por estrangeiros, que o apreciam e admiram, comparando-o com os dos seus paizes.

Ha ainda em Portugal uns museus archeologicos regionaes, alguns de grande merecimento, como o de Faro, que é um eloquente depositario de objectos de moi-

boreira existe um muito semelhante,

n'um largo platô; consta de nove pedras e está um pouco estragado pelos lavradores, que o tem demolido em procura de thesouros, que a tradição diz existirem ali. E' conhecido por a casa dos moiros.

As grutas archeologicas e os seus depositos constam quasi sempre de tres camadas prehistoricas, cuja divisão se conhece entre si por uma pequena faixa de terra de espessura pouco variavel de dez centimetros, de cor differente do resto do entu-



1—Patera luso-romana  
—Mertola: Local da necropole visigótica  
3—Capella de Santa Martha no Castro prehistorico da gruta



ros — e como o da Figueira da Foz.

Um dos mais interessantes documentos dos antigos são os dolmens. O dolmen é composto de enormes rochas soltas, em numero variavel, dispostas em forma de jazigo. N'elles eram deitados os mortos, em varias camadas, n'um mesmo sentido ou em varias posições. A photographia que damos representa um dos mais perfeitos dolmens de Portugal, e que fica situado no Alemejo, em Montemor-o-Novo. Na serra da Abo-

Iho, e um pouco mais fina. Entre essas camadas estão dispostos os esqueletos, n'umas sempre com a extremidade craneana para noroeste, n'outras em posições varias. Difficilmente se distinguem os que seriam dos ricos. Comtudo, isso percebe-se ás vezes pelos objectos que os acompanham, e que lhes eram companhia como munição de viagem: além de instrumentos, vasilhas de barro tosco com ossos finos que se percebem ser de animais, de caça naturalmente.

Além das tres camadas prehistoricas ha n'algumas grutas a quarta camada, que é a que fica á flôr da terra. N'esta camada teem-se encontrado, em certas grutas, moedas antigas, botões



de metal e mesmo balas—gruta da Gallinha—que devem ter sido das tropas das invasões francezas.

No seu livro *Le prehistorique, origine et antiquité de l'homme*, os srs. Gabriel e Adriano de Martillet affirmam que em todos os tempos o homem tem occupado mais ou menos as grutas e as cavernas e «nos tempos quaternarios ellas eram unicamente procuradas.»

As grutas, que geralmente são naturaes, serviram primitivamente de covil de animais ferozes. Aquelles senhores acima citados, tendo comparado as grutas de todo o mundo, concluíram que as mais perfeitas são as que o urso habitou.

As ultimas explorações archeologicas feitas por conta do governo foram as da gruta da Gallinha e investigações no Castro.

O Castro prehistorico está situado no alto da serra de Santa Martha, perto de



1—Tecto da gruta  
2—Tudo prompto para começar a exploração



Dolmen no Alestejo, Montemor-o-Novo

Torres Novas. Compõe-se de tres ordens de muralhas; a primeira está toda derruida; a segunda, cento e cinquenta metros acima, está quasi no mesmo estado da primeira; a ultima fica na imminencia da serra, tem forma circular, grande espessura, e deveria ter sido bastante alta a julgar pelo volume do material derruido. Nos varios cortes feitos n'estas mu-

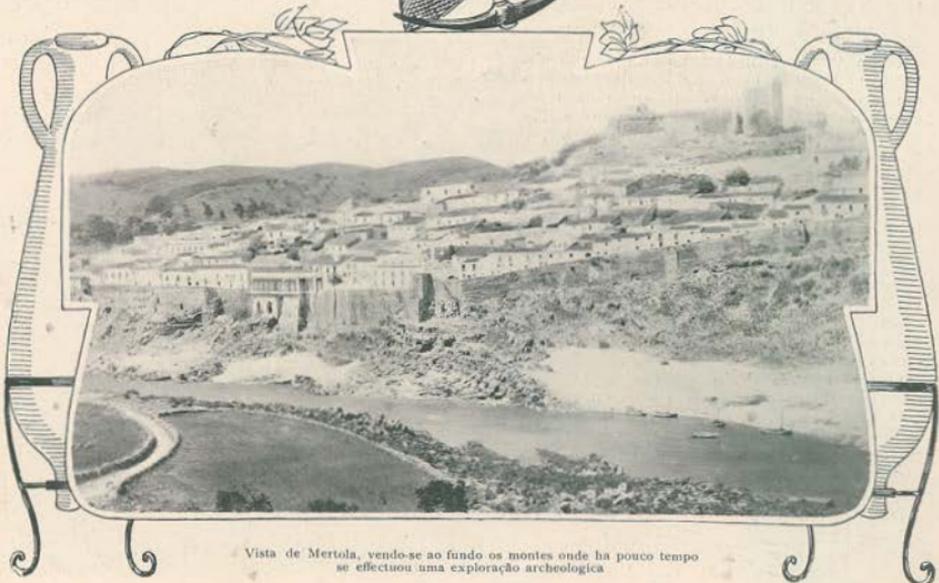
ralhas encontram-se em varias camadas de terra fragmentos de louça grosseira, ossos de animais e fragmentos de carvão.

Perto do Castro fica a capella de Santa Martha, antiquissima e sem estylo, situada n'um pequeno terreiro e sobranceira a um declive vertical de duzentos metros. Não tem cruz a encimal-a, e dentro possui um só altar com a santa, muitas offerendas e dizeres pelas paredes.

Como atraz fica dito, a ultima exploração archeologica foi a da gruta da Gallinha, conhecida por a Lapa da Gallinha.

Esta gruta, como quasi todas, não é artificial, é talvez formada pela natureza calcarea do terreno que abriu em qualquer movimento do solo, n'uma epoca muito remota. A sua exploração foi dirigida pelo sr. Almeida Carvalhaes, que obsequiosamente nos forneceu todos os esclarecimentos.

Fica situada a meio da vertente de um planalto calcareo, na quinta do Rabaçal, nas vertentes da serra de Santa Martha, a tres kilometros de Alcanena. A sua exploração fez-se em julho do anno passado e durou seis mezes. E' perto d'ella que fica a original fonte do Pião, que n'aquelles sitios é o unico recurso de agua.



Vista de Mertola, vindo-se ao fundo os montes onde ha pouco tempo se effectou uma exploração archeologica



1—No museu archeologico: a medição de um craneo  
2—Fonte do Pão

Ao chegarmos junto da gruta, á hora do trabalho, afigurou-se-nos que assistiamos a uma exploração mineira, em pequena escala, mas com todos os seus aspectos, e as suas picaretas, alavancas de ferro, grandes martellos, enxadadas, pás, sachos de corte recto, estiletes de aço.

N'um terreiro, junto á bocca da gruta, estavam montados quatro grandes crivos, de arame grosso, que serviam para separar a terra arrancada da gruta dos objectos miudos. No primeiro a malha tinha cinco millimetros, e nos outros tinha dois millimetros. Trabalhavam n'um suporte de quatro rodetas, e eram accionados por um homem e tres mulheres.

Todo o material escavado saía da gruta n'um pequeno carro, em forma de elevador, puxado por um forte cabo enrolado n'um sarilho de madeira, e deslizando em duas possantes pranchas que mediam mais de quinze metros. D'este elevador a terra era emborcada no crivo de maior malha, saindo depois para os outros crivos.

O trabalho é vigiado por um empregado do Museu Ethnologico Portuguez, que vae recolhendo os objectos encontrados e os vae catalogando com o numero de ordem da ossada e bem assim da camada a que pertenciam.

Entramos na gruta por uma abertura na rocha calcarea, com metro e meio de altura e quasi dois metros de largura. A iluminação é feita por grandes candieiros de gaz e acetylene, por velas e por pequenas lanternas manuaes para o exame de objectos e ossadas.

O piso em que assenta a terceira camada é composto de estalagamites com protuberancias mais ou menos elevadas, e o tecto da gruta está cheio de pequenos pingentes de estalactites que brilham muito, n'uma grande diversidade de côres, pela incidencia das luzes dos reflectores dos candieiros. Com muitissima dificuldade, á luz do magnezio,ahi se tiraram as photographias que reproduz hõje a *Ilustração*.

Assistimos á extracção da terceira camada e ao exame de duas ossadas, estendidas no sentido horizontal, tendo a extremidade craneana para nordeste: os craneos estavam muito fragmentados, os ossos muito descompostos, desfazendo-se ao menor contacto dos instrumentos. Junto a um dos craneos estava uma faca de sílex e fragmentos de outra. Da segunda ossada apenas poudes aproveitar-se parte da maxilla inferior, á qual foi applicada logo a selicagem, que consiste no revestimento de uma camada de selicato de potassa, estendido por meio de um pincel muito fino, e que tem por fim conservar os ossos. Junto a outras ossadas da terceira camada foram encontradas cinco facas de sílex, dois machados de pedra dioritica, um dardo e um punhal, ambos de sílex, e muitos fragmentos de carvão misturados com terra negra e fina. Os objectos e os ossos, conforme iam apparecendo, eram recolhidos cuidadosamente n'uma barraca de madeira, ao lado da gruta.

De outras interessantes explorações poderíamos falar já, se não nos faltassem photographias e espaço na *Ilustração*.

JOSÉ D'ABREU TORRES.



# NO CAMPO PEQUENO A FESTA DE MANUEL CASIMIRO



1—O cavalleiro Manuel Casimiro. 2—Uma boa farpa. 3—O espada Segurita bandarilhando  
4—Os cavalleiros José e Manuel Casimiro recebendo, no intervalo, os brindes offercidos,  
pelos seus admiradores.  
5—Um bom par a quarto. 6—Uma boa pega. 7—O espada Segurita  
(Clichés de BENOLIEL.)

# ESCOLA PRÁTICA DE ENGENHARIA

## AS PROVAS FINAES



Damos aos nossos leitores algumas photographias relativas ás provas finaes da escola de Tancos e á visita régia, que se realisou nos dias 11 e 12 do corrente.



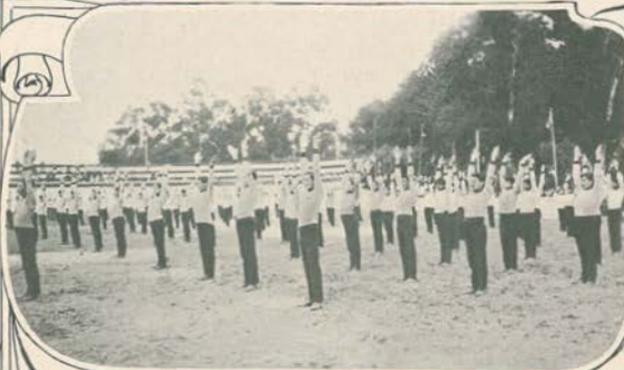
1—El-rei, o sr. ministro da guerra, o sr. director da escola e outros officiaes na carruagem Decauville para irem visitar os trabalhos. 2—A locomotiva Decauville passando o viaducto feito pelos officiaes em tirocínio e que depois foi destruido por uma explosão. 3—El-rei, seguido dos officiaes e de muito povo, atravessando os campos





1 e 2—O forte colonial: A paliçada e o interior da construção. 3—As fortificações e redutos construídos pelos officiaes tirociantes.  
4—Pontes de madeira. 5—Atravessando um fosso.

# NO VELODROMO VENCE O COLLEGIO MILITAR



1—Alunos do collegio de Campolide executando diversos exercicios de gymnastica pedagogica  
 2—O sr. Arnaldo Paiva Carvalho, do lyceu Passos Manuel, o vencedor dos jogos do disco e do criket. 3—Os vencedores do Collegio Militar, com os respectivos professores e instructores. 4—A largada para uma corrida de velocidade  
 5—Jogo do pau pelos alumnos da Escola Academica 6—A equipe do lyceu Passos Manuel na lucta de tracção em que ficou vencedora—(Cliches de BRUNEL)

# A FESTA DA PRIMAVERA EM CINTRA



1—O novo edificio dos paços do concelho inaugurado no dia da festa da Primavera (13 de junho)



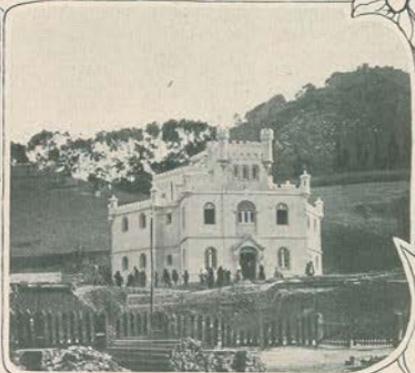
2—No cortejo: Os carros das escolas de Monserrate



3—Os vereadores da camara de Cintra e o sr. visconde da Idanha, administrador do concelho



4—A nova cadeia, edificada junto à estação, nos terrenos do antigo cemiterio, e inaugurada tambem no mesmo dia  
(Clichés de BENOLIEL)



# FIGURAS E FACTOS



VERSO E REVERSO DA MEDALHA DE OURO, oferecida por subscrição dos artistas italianos e portugueses ao illustre architecto Alfredo de Andrade e modelada pelos notaveis escultores italianos Bistolfi e Colandro.



A SR.<sup>a</sup> D. ANNA D'ALINCOURT BRAGA, fallecida em 6 de junho e que foi uma das senhoras da nossa sociedade elegante cujo salão se tornou celebre pelas reuniões d'artistas e litteratos.

(Cliché de A. POMBO)



CONSELHEIRO ANTONIO MARIA D'AMORIM, fallecido em 10 de junho e que fôra director geral de instrucção publica e secretario geral do ministerio do reino.

(Cliché de J. A. MADEIRA)



Grupo dos bachareiros do 5.<sup>o</sup> anno theologico-juridico de 1878-1879, reunidos em Coimbra, no dia 6 do corrente, para commemorarem o 30.<sup>o</sup> anniversario da sua formatura—(PHOT. OFFERECIDA PELA PHOTOGRAPHIA COIMBRENSE)